

ECHO MUNICIPAL

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

PROPRIETARIOS—MOREIRA & SEIXAS.

REDACTOR—Manoel Saturnino de Seixas

ECHO MUNICIPAL

16 de Março de 1879.

A Assembléa Provincial e a Igreja do Sr. Bom Jesus da Cachoeira.

Não data de hoje o desejo vehemente que temos de ver realizado o templo começado entre nós e destinado ao O'rago da nossa freguezia, á margem esquerda do Parahyba.

Não data de hoje o nosso affan em dirigirmo-nos aos poderes constituidos implorando uma verba para o andamento d'aquelle pio estabelecimento.

Já tem envelhecido comnosco o profundo desejo que nos acompanhará talvez ao tumulo—de ver terminada a capella do Senhor Bom Jesus da Cachoeira.

Sempre de balde temos clamado. Reune-se a Assembléa provincial, proroga-se, encerra-se, e já mais uma unica voz alli se levantou, que viesse dar vulto aos nossos longinquos echos!

Agora, porem, que é a ultima reunião do quadriennio, aquelles illustres representantes da provincia—mormente alguns d'entre elles—deviam deixar ao menos consignado nos annaes d'aquelle representação si quer um serviço feito em prol d'esta esperancosa localidade.

Lorena, a dilecta Lorena é sempre lembrada, e por que? Por que conta no numero dos representantes da provincia um filho de Lorena.

Cada vez mais nos convencemos de que *desgraçado d'aquelle que não tem padrinho, porque morrerá pagão.*

Si a actual Assembléa encerrar as suas sessões sem votar uma verba em beneficio das obras do Senhor Bom Jesus da Cachoeira, restar-nos ha ao menos o consolo de havermos immensas vezes lembrado a ella essa palpitante e urgente necessidade, essa humanitaria e religiosa idéa, e á representação provincial o remorso de já mais nos haver attendido.

A nossa posição será sem duvida a mais sympathica.

Entretanto, não descremos dos bons desejos da Assembléa provincial: ella poderá acordar a tempo de não deixar o direito de mais tarde ser por nós profligado

com boa somma de razões e em condições aliás mais vantajosas.

A actual Assembléa deve alguma cousa á população de Cachoeira. Em nome d'essa mesma população—lhe diremos hoje: «Amor com amor se paga».

Voltaremos ao assumpto.

NOTICIARIO

Anniversario.—A 14 do corrente completou, sua Magestade a Imperatriz, os seus 56 annos de idade.

Quêda e morte.—A 8 do corrente estando de viagem á cavallo Raphael J. de Pinho, nas alturas do Palmital, ao que parece fora victima de uma apoplexia fulminante, porquanto tendo cahido do animal q' cavalgava, mas sendo immediatamente soccorrido por algumas pessoas vizinhas, fora encontrado ja morto.

A authoridade, sr. Claudino A. Palma procedeu incontinentemente ao auto de corpo de delicto no cadaver do fallecido, tendo sido peritos os snrs. Braulio Muniz Dias da Cruz e José Fructuoso Ferreira q' declararam ser a morte occasionada por uma congestão cerebral.

Soirée.—Posto que estejamos em tempo de penitencia, visto que estamos em plena quaresma, todavia, á mingoa de outro qualquer passatempo, algumas familias reunidas na noite de 8, em casa da snra. D. Anna Antonia do Prado, proporcionaram-nos uma excellente e escolhida reunião que prolongou-se até alta noite, tendo presidido a ella o prazer e a harmonia.

As contradanças, polkas e walsas reproduziram-se com sempre crescente animação.

Espectaculos.—Nas noites de 9 e 11, tivemos tambem algumas horas de distracção devidas aos espectaculos de prestidigitação dados pelos snrs. Jacome Ulysses e A. Carrara.

O sr. J. Ulysses, que ao que nos informam exhibio trabalhos admiraveis na noite de 9; deu o seu espectáculo á margem direita do Parahyba, no salão do sr. C. Pinto Dias e dizem-nos que fora extraordinaria a concurrencia de dilettantes.

O sr. A. Carrara, que trabalhou na noite de 11 á margem esquerda, no salão dos snrs. Teixeira e França, posto que apresentasse um variado espectáculo, fora infeliz devido ao pessimo tempo que correu, ao que deveu uma completa vassante.

Sentimos que a natureza se mostrasse infensa aos seus interesses.

Camara Municipal do Cruzeiro.—Quando se reunirá á final aquella edilidade no presente anno?

Já atravessamos o mez de Março e ainda nem uma sessão ordinaria este anno?! quando a sua primeira reunião deveria ter-se effectuada em Janeiro!!!

Pobre balancete!... o que será feito d'essa peça? Em vão esperará por elle a Assembléa provincial.

Não resta duvida que com tal zelo e solicitude, a Camara do Cruzeiro concorre mui directamente para o engrandecimento e prosperidade do municipio que representa e que tanto felicita!

O que sobre-modo nos admira é que a Camara do Cruzeiro conta em seu gremio prestantes membros que tão zelosamente velam pela economia dos seus cofres,—chegando a sua dedicação ao ponto de cogitarem a rescindir contractos legalmente estabelecidos!... Por que, pois, não levarão esses membros a sua dedicação e devotamento até fazerem-se cumpridores dos seus deveres promovendo as reuniões prescriptas pela lei de 1828, e aliás indispensaveis ao progresso e bem-estar do Municipio?

Que vá com vistas ao futuro barão do Cruzeiro, o'manda-chuva cá da terra.

Errata.—Em o n. 31 desta folha quando demos publicidade em secção particular a um artigo sob a epigraphe *Novo Cemiterio de S. Antonio da Cachoeira*, sahio por engano o sr. Capitão Francisco J. Gomes Serapião subcrevendo 30\$000, quando é certo que a sua assignatura foi apenas de 20\$000, como se vê pelo autographo em nosso poder.

Casamento.—Uniram-se pelos sagrados laços do matrimonio na cidade do Rio Claro, o nosso amigo sr. Manoel Augusto de Athayde e a exma. sr. D. Maria Augusta Barros Athayde.

Nossos emboras á familia dos nubentes e a estes desejamos um porvir lisonjeiro.

Pilherias Rimadas.—Com este titulo, tivemos o prazer de receber um opusculo dos primetros ensaios poeticos do joven intelligente e illustrado 8.º annista da faculdade do direito de S. Paulo, sr. dr. Francisco de Azeis e Oliveira Braga Junior, nome vantajosamente conhecido já como um dos mais robustos e promissores talentos da actual geração.

Muito joven ainda, o dr. Oliveira Braga

Junior já tem um nome nas lides litterarias e na velha Academia onde é elle um dos mais distintos ornamentos.

As suas *Pilherias Rimadas* são os primetros tentamenos do implan. condor que já fita a immensidade e que mais tarde alcando allivo voo attingirá aos páramos do infinito.

Saudamos na pessoa do dr. Braga Junior a encarnação da intelligencia, e o prototypo da democracia.

Revista Industrial.—Emos á vista o n. 20 do 1.º vol. correspondente ao mez de Fevereiro, passado, d'esta tão util quanto interessante publicação mensal. Escusado é dizer-se que, na forma do costume, vem ornada de finas gravuras, e de importantes e variadissimos artigos scientificos de real interesse.

Recomendamos aos nossos leitores a tão amena quanto instructiva leitura da *Revista Industrial*, que assigna-se pela modica quantia de 15\$000 annuaes á rua Direita 47—Rio de Janeiro, assim como pomos á disposição dos nossos amigos a apreciação da referida *Revista* em nosso escriptorio.

O Imparcial.—Tal é o titulo de um novo e bem redigido periodico que se publica actualmente na cidade de Aréas, e cujo 2.º numero de 6 do corrente temos á vista.

É seu Redactor o intelligente, illustrado e vantajosamente conhecido escriptor publico sr. Raphael Braga, cujo sympathico nome é a melhor recommendação do periodico a que nos referimos.

Lamentamos que não nos fesse remittido o primeiro n. do *Imparcial*; entretanto, com especial agrado permutaremos com o illustrado collega, aquem deverá agradeceremos a remessa do 2.º n. do seu faceto periodico.

Gazeta de Angra.—Tambem nos fora obsequiosamente remittido o n. 1.º da *Gazeta de Angra*, elegante e bem escripto semanario que encetou sua publicação a 2 do corrente, na cidade de que traz o nome.

Dedica-se o novo campo exclusivamente aos interesses privados dos municipios de Angra e Paraty; promette absoluta neutralidade nas lutas politicas e offerece benovelmente as suas columnas a todas as intelligencias que quizerem se desenvolver em qualquer ramo de conhecimentos uteis, assim como a qualquer dos partidos para a defesa de seus actos e ideias.

Saudando á esperancosa *Gazeta* pelas suas ideias progressistas e democraticas, desejamos-lhe uma prospera e florida romagem.

Permutaremos.

«Começo a publicar-se

ha pouco tempo nos Estados-Unidos uma nova folha quotidiana, com o titulo de—*O Lengo de Algebeira*. Esta folha é impressa em brochada de linho ou qualquer outra fazenda analoga, e além de proporcionar uma leitura util e agradável, pôde satisfazer

zer plenamente ao fim que é indicado pelo título.

Esta empresa originalíssima teve um successo tão rendoso, que, não menos inventivo, outro cidadão do mesmo paiz ideou também um diario, intitulado *A Gravata*, que é impresso sobre seda, a caracteres dourados. »

Por um tria.—O vice consul do Brazil em Curuxu-Cualia (Corrientes), Cordeiro de Souza, recebera de Uruguayana uma caixinha contendo uma especie de machina infernal. Era uma porção de pólvora posta em contacto com espoletas que determinariam a explosão quando se levantasse a tampa. Permittia o acaso que, o vice-consul abrisse a caixinha pelo fundo, podendo assim descobrir o plano sem que se realisasse o intento do autor.

Das averiguações a que procedeu a autoridade resultou saber-se que a caixinha fora remetida pelo hespanhol Thomas Solozano, o qual foi preso, e, tendo conseguido livrar-se solito mediante fiança, desaparecera immediatamente de Uruguayana.

Dizia-se que Solozano tinha comprado uma herança, que iria parar-lhes ás mãos apressadamente o vice-consul Cordeiro de Souza, senhor da fortuna anticipadamente vendida.

Solozano, moço intelligente e sympathico, declarou que, com effeito, entregara a caixinha ao commissario do vapor « Uruguay », ignorando o que continha, pois a recebera de uma pessoa desconhecida na casa da viuva Moceno e Reyes.

CHARADAS

1.
2-2—Azedo, na roda. E' mui de um Imperador romano.

2.
2-1—O adverbio com a terceira pessoa de um verbo, constitue uma villa de Portugal.

3.
1-2—A metade da alma no campanario é um rei antigo.

4.
2-2—O adverbio, senhor, é duque inglez.

5.
2-2—Este verbo, senhora, é provincia de Hespanha.

6.
2-2—O altar por onde passa a agua é lingua morta.

7.
1-2—O elemento que inspira os poetas é cidade antiga.

As do n. 30 são: *Marcomanos, Mario, Mascate, Orlando, Pado e Paphos.*

PALAVRAS Á MORTE.

Quando ouvires-me, vem, mais docemente... Sem prunçios, sem voz, nem agonia! Si presentir-te, eu sei que de alegria hei de á vida volver... Oh! si clemente!

Vaga sombra de Ophelia, na corrente do mundo vou, silenciosa e fria... De que abyssos verei do eterno dia—A luz eterna illuminar-me o Oriente?!

Dizem que enquanto o espirito se eleva, Suave accorde, aos cantos do empyrio, As cinzas reanimam-se na treva...

Se á sciencia não turba alma delirio, Lê teu beijo a este pó, que a dor subleva, Á forma merencoria do martyrio!

Narcisca Analia.

Variedades

Matutina

(Vide o n. 33)

O sol ia já mais de meio da sua carreira. Grossas nuvens agglomeradas precipitavam-se das bandadas do horizonte impellidas pela rajada. O furacão rugia ao longe. Tudo annunciava que a formosura e a amenidade que o dia tinha ostentado até alli, não tardaria a trocar-se pelo aspecto assustador da tempestade. Entretanto, no meio das florestas banhadas pelo Tietê, ouvia-se a continua algazarra dos caçadores significando a alegria com que viam algum animal cahir ferido á tiro de bala, e ir d'este modo juntar-se aos triumphos daquelle jornada. Tres veados ainda revestidos dos formosos esgalhes jaziam no chão em poças de sangue. Depois de tantas horas de trabalho e fadigas, a possente matilha fraguejava arrojante, e manifestava já a sua pouca vontade, não acudindo como até então ás vozes dos seus donos que se sentiam também ir esmorecendo de ardor.

Separados do resto do grupo, Alonso e Matutina prestaram mais attenção aos olhares que furtivamente se lançavam, do que ao empenho com que Pedro Juré e alguns companheiros ainda perseguiram um animal que se fôra metter n'um grande tojo.

—Bella caçada, Matutina! gritava elle de longe.

—Bella caçada... Vel-a-hás. E Matutina estremecia; lembrava-se da scena que tivera a duas dias com o amante, do grito synistro e pavoroso que os viéra separar. No rosto de seu marido resumbrava um prazer feróz.

O vento que soprava há pouco com força, tornava-se cada vez mais intenso e furioso. As arvores gemiam, vergavam e lascavam. Algumas góttas d'agua mostravam que a borrasca estava eminente e convertiam-se em borbotões, obrigando os caçadores a correrem procurando abrigo.

Uma grande escuridão começava a envolver tudo em seu seio.

Alonso, temendo por Matutina n'aquelles lugares, queria pô-la á salvo do furor da tempestade.

Na montanha uma grande mangueira abria os largos ramos, e de baixo de sua côpa podiam ambos abrigar-se por algum tempo. O caminho que levava até lá era difficil; mas não havia outro. A muito custo conseguiram ir subindo pela vereda barrenta e escorregadia, apoiando-se aos diversos arbustos que sahiam das fendas do monte. De instante a instante, Alonso estremecia vendo o semblante de Matutina tornar-se pallido ao clarão do relampago, que escapava das nuvens e ia estender-se lá embaixo, por cima das florestas, como para envolver-as n'um abraço de fogo. Depois de muitos sustos e perigos, conseguiram finalmente ganhar a arvore protectora.

Ao chegarem ahí, um espectáculo magestoso e terrivel ao mesmo tempo offerceu-se aos seus olhos assombrados.

O clarão que se abria debaixo da

arvore era bastante estreito. Apoucos passos, e a cem péz de profundidade o Tietê, como um jaguar enfurecido, debatia-se de encontro ás rochas talhadas á pique, que immoveis embargavam-lhe o curso.

Raivando de colera e vendo todos os seus esferços impotentes, o rio curvava-se e n'um arranco desesperado e supremo, levava-as de um salto dando um estrondoso brado de triumpho, e deixando-lhes nas cinzas pontegudas o negro manto de espumas despedaçado.

Matutina não pôde deixar de lançar um grito de terror.

O trovão roncava abalando os fundamentos da montanha e repercutindo-se nos bosques.

Alonso tentava á poder de caricias, que prodigalisava á sua amante moderat-lhe o susto.

Correndo vertiginoso por meio da floresta, Pedro Juré parecia o anjo da tempestade. O ciúme que lhe dilacerava o peito, elle não podia por mais tempo soffocal-o.

O desespero tem limites.

Planejando aquella caçada, Pedro tinha por unico fim reunir n'um sitio retirado a esposa culpada e seu amante; por isso convidou Alonso, que nem por sombras suspeitava de seus terribes projectos.

(Continuar-se-ha)

—Um Martyr—

CONTO ORIGINAL POR

Calanio Reperai.

Offercido a

Eurico d'Albuera

II

ENCONTRO.

Respeitei a dor que o devia prender n'aquelle estado, e procurando fazer o menor ruido pssivel, ausentei-me d'alli pensando n'elle. Não sei o que lêra em sua physionomia abatida e triste, que fizera vibrar em mim uma voz interior, que me chamava para elle.

Retirei-me, pois, e passado algum tempo ouvi dar na torre de Bemposta a hora da entrada para a minha aula; corri apressado para não faltar, e na sahida da primeira, informei-me que Alípio não havia apparecido á sua. Terminada a ultima aula, que eu frequentava,—sahimos, e em quanto o resto de meus condiscipulos si retirava para suas casas ou para os pontos aonde os chamava o desejo ou a obrigação, fui eu sózinho dar uma volta pelo mesmo jardim aonde encontrara Alípio, pensando n'elle, que devia soffrer, que soffria talvez isolado e só no meio da sua dor.

Não seria esse um bom amigo para mim? Não seria mais terna e intima a amizade contrahida por uma sympathia de soffrimentos, por uma egualdade de pezares, por uma analogia de posições?...

Eu via-me alli quasi sem amigos, a Alípio não lhe conhecera ainda intimidade para algum; eu considerava triste a minha vida, a d'elle bem mostrava não ser feliz; eu não tinha

allí minha familia, elle talvez não tivesse também a sua em Lisboa; esta egualdade de situação; esta similitude de vida não eram já causas bastantes para nos aproximarmos?...

Passando pelo mesmo caramanchão lancei para lá um olhar de curiosidade, e surpreendido vi Alípio, quasi na mesma posição ainda; cruzara apenas os braços sobre o peito, e deixara pender mais a cabeça para o chão.

—Então, Alípio, ainda aqui está?... não quiz ir á aula? perguntei eu.

—Am? interrogou elle como sobre-saltado do seu sonho sem fim, quem me chama?...

—Sou eu não vês...

—Então que é... já entraram para a aula?

Se já entramos... bem digo eu; o sr. está a sonhar. Vamos para casa, que já deram duas horas.

—Já, sim; vamos que é tarde. Pegou do bonet, levantou-se e ia a seguir-me deixando os livros:

—Então, lhe tornei eu, deixa os livros?

—Ah!...e, pegando d'elles acompanhou-me. D'ahi por diante segui-me sem me dar uma palavra. Caminhava como olhado para tudo sem ver, em um estado de abstracção penosa e indizível.

Chegados ao largo de Camões sem ainda termos trocado palavra, perguntei-lhe aonde morava, e respondeu-me simplesmente:

—Arco da Bandeira, 107, 3.^o

Acompañei-o ainda até ahí, despedi-me d'elle, apertou-me a mão sem me responder. Vi-o entrar para casa, pausado e vagaroso, como se arrastado a custo, e não pude deixar, passado um momento, depois de o ter seguido com a vista até perder-se, de continuar o meu caminho sem que o pobre Alípio me fugisse do pensamento.

A dor a mais acerba é muda, pensava eu. Aquelle que a soffre, calca-a no fundo do coração e luta com ella. A alma pede-lhe que a deixe expandir, que a reparta com outrem, que a entenda, que a partilhe; mas o coração, no seu excesso de egoismo do soffrimento, absorve-a, e quer tragal-a toda para depois morrer com ella.

Incomprehensível é o coração do homem, incomprehensíveis os seus mysterios!

Mas Alípio?... quem o fazia soffrer? ...que dor era a sua?

Veremos.

Cachoeira—9—3—79.

(Continuar-se-ha)

COMMUNICADO

TRAÇOS LIGEIROS.

Quer ami leitor.

Não supponhas que em largos traços vou fazer-te uma descripção de viagem onde as lindas phrases atayadas e floridas prendam a tua benevolencia e a tua ávida de cu-

riedades. Não penses que von delatár tua ardente imaginação com algum conto mythológico ou phantástico, onde as bacchantes arrastando snas naves roupegens, escurvindo os inuatos e sensíveis. Não creias finalmente que nas azas do pensamento conduzir-te-ia a Índia, n'esse paiz onde as riquezas deslumbram, a formosura habita e onde o vicio turiferado tem seu esplendido doce à par com a deusa Siva.

Acompanha-me, que o meu ponto terminal está mui perto.

Em o dia 22 do p. p., parti de S. Paulo em demanda da Cachoeira. Logo que cheguei n'aquella povoação soube que na frequência do Sapé preparava-se pela primeira vez, uma associação carnavalesca além de nos dias 23, 24 e 25, percorrer as ruas da localidade em ruidosa passeata.

Como sou adepto dos folguedos feitos em hora do *deus Momo*, sem mais *tertium quid*, montei em um bello animal e quasi outro *Napoleão*, segui caminho do Sapé. Não havendo hotel na povoação, fui hospedar-me em casa do Rm. padre Israel Pereira dos Santos Castro, homem vantajosamente conhecido por seu correção magnânimo e por sua indole hospitaleira. Escusado é pois dizer que fui muito bem acolhido ali.

Erão 5 horas da tarde do dia 23, quando a *camêra* do alto do cemitério deixava que por sobre as soleiras do seu portico, passassem os soldados do popular e gaúto *Zé Pereira*.

Conspunha-se o *magote* do mais de 50 cavalleiros.

Na frente, empunhado por denodado cidadão, fluctuava o grande labaro tendo no centro em dourados caracteres um—VIVA O CARNAVAL—. Após o *sequito*, uma bem dirigida banda de musas de momento a momento, fazia ecoar pela arribada ajuntados sons, que commoviam a alma do mortal e insensível, afim de que elle provasse prazeres indizíveis.

É preciso que se saiba que esta musica foi organizada a esforços do sr. padre Israel, e que em sua maior parte compoeseu-a de menores, quasi creanças.

Na tarde de 24 as mesmas horas o *magote* fez seu giro com entusiasmo e esplendor, e finalmente após o passeio, as 7 horas da noite do dia 25, sahia da casa do Ilm. sr. Misael Pereira dos Santos Castro, tendo por acompanhamento *paverosa e triado*, um *edro* de *choramungas*, o galbifeiro *Zé Pereira*. Era bello ver-se essa figura rotunda por entre duas fileiras de luzes se balançar n'um *caril* suspenso por dons victoriosos soldados.

Logo que os restos do *Zé Pereira* foram atirados aos quatro ventos, a orquestra deu o signal para a primeira quadrilha.

O salto da habitação do Ilm. sr. padre Israel, achava-se repleto de luzes, flores e perfumes, quando os *Sinos de Corneville* foram *tribundos*, com entusiasmo.

A orquestra executou segunda e terceira Quadrilha.

Depois de pequeno intervalo, uma bem servida mesa de delicias dozes foi offerecida a toda a sociedade. Abi, diversos brindes foram feitos. O primeiro foi levantado pelo Ilm. sr. padre Israel, a sociedade carnavalesca, e ao sr. Casimiro como seu amigo e dedicado amigo. Neste brinde, que foi calorosamente correspondido S. Rm. com expressões tocantes, elevou a caridade, mostrando que esta virtude é a base da salvação humana. Em seguida o sr. Casimiro Villela agradeceu o brinde, fazendo um resumo, porém lindo discurso. Na mesma occasião, após o sr. J. Godoy fazer um brinde ao Ilm. sr. padre Israel, como um homem progressista, e ao sr. Casimiro como uma intelligencia robusta, o sr. Villela posuindo de commoção, em elegante e longo discurso saudou a sociedade reunida na pessoa dos srs. Misael Pereira dos Santos Castro e Tomaz Estevam de Amorim incansáveis iniciadores da sociedade carnavalesca finalizando com uma saudação ao sr. J. Godoy, promissor trabalhador das *Flores das Selvas*.

Muitos outros brindes foram levantados, mas que se perdem no calor da festa.

Terminou a *soirée* a meia noite, ficando todos gratos ao Ilm. sr. padre Israel Pereira dos Santos Castro, pela maneira affivel com que tratou os convidados.

Honra aos Srs. Misael Pereira dos Santos Castro e Tomaz Estevam de Amorim, que não pouando trabalho deram um passo na carreira do progresso iniciando n'aquella povoação o Carnaval.

N'esta epocha de *egymismo* e indifferença, precisa-se de homens que, apilando difficuldades, plantem a vidente arvore da civilização entre o povo.

Caro leitor, Como ja estou me tornando *enchep*, vou fazer ponto.

Agora que estou n'esta minha bella Rezende, n'esta terra onde as musas nas horas caldas da noite percorrem a amplitude do espaço empregnado de perfumes; agora que me acho no torrão em que Ezequiel Freire desferiu seus accordes mogo; ora, finalmente que me delecto lendo as *Nebulosas* da inspirada *Nereia Amalia*, apar de minha companheira que me escuta, faço votos aos Céus para que no futuro anno possa ter um

entrudo tão divertido e igual ao que gozei em 1879.

Para *finir*, envio-te saudades.

Rezende, Março de 1879.

Democrito.

Correspondência do Echo

Lorena, 9 de Março de 1879.

Redactor amigo.

Venho hoje fazer-lhe as minhas despedidas.

Occupações, que me absorvem o tempo roubado mesmo ao trabalho quotidiano, me fazem *alijar* o pesadissimo fardo que até o presente carreguei.

Além disso, a intervenção de amigos sinceros, prudentes, e verdadeiramente sabios me faz retirar d'esta arena, cheia de perigos e emboscadas, no meio dos quaes combati, como soldado animoso, sempre leal e verdadeiro.

Retiro-me das columnas do *Echo*, apossado d'aquelles mesmos sentimentos que Annibal, o general Cartaginês, manifestou, ao retirar-se do Lacio para sua patria.

Mas, o que fazer?!

E' preciso que respeite a sinceridade do amigo; é preciso tambem que a natureza refocille-se um pouco, depois de tantos e tão pesados trabalhos!

Tambem, meu caro collega, o ser correspondente do *nosso Echo* é hoje mister que está acima das minhas forças.

Outro talvez preencha o meu lugar, o logo.

Esse [virá fazer o que tentei trabalhar para que seja effectiva a liberdade dos nossos compatriotas, atacando o arbitrio da autoridade;

demonstrar a incapacidade d'aquelles que si querem impôr a opinião, como idolos do povo, para auferir bons resultados; fiscalizar as finanças e os trabalhos da Camara Municipal, para que não possa nem deva malbaratear os dinheiros dos seus Municipios, que são contribuintes para beneficio do Municipio; fiscalizar os empregos publicos, para que o Funcionario não deixe de cumprir os seus deveres, prejudicando a Provincia, o Municipio e o contribuinte.

Foi justamente esse o meu objectivo, como vosso Correspondente.

Não me apartei em occasião alguma d'esse proposito, e, si alguma vez empreguei a critica mordaz e zombeteira, ella boscou-se no publico interesse, que ia defender.

No entretanto, fez-se tudo quanto se pôde para inutilizar-me; mas, embalde, o *feitiço* parece virar contra o *feitiçeiro*!

Não podendo dizer cousa alguma em defesa propria, não podendo justificar-se, nem mesmo provar a falsidade das nossas correspondencias, que nunca se occuparão si não do que era verdade, as pessoas ali atacadas crearão um *pasquim nojento*, que é justamente a *medida das orrelias de quem escreve-o*.

Sublime resposta!... si as Correspondencias fizerão alguma cousa, a *Vespilha* veio dar o ultimo retoque: não havia, pois, falsidade nas minhas allegações.

Como sabeis; sempre disse a verdade: não vos enviei uma só linha escripta, aonde se pudessem descobrir uma falsidade; disso tenho consciencia.

Critico, não envolvi-me com a vida privada de algum; defensor dos interesses do Municipio e da liberdade do cidadão, nunca fiz *allusões injurias* a caracteres *illibados*; correspondente vosso, nunca preoccupei-me com a personalidade, e, se algumas vezes pareci

FOLHETIM (10)

Aristides o Justo

Aquelle mesmo satrapa, passado algum tempo, lhe deu um regalo de maior preço para elle, e muito digno da grandeza de sua alma.

« Elle lhe tinha contado suas aventuras de Smyrna, e a amizade, humanidade e beneficencia daquelle pescador, e de seu amigo, que lhe levavam mantimentos a caverna, e lhe acrescentou que o instante em que se apartou daquella honrada gente, foi o primeiro de sua vida, em que desejou riquezas, e que teria feito quanto cabe fazer-se para pagar e reconhecer seus beneficios. Aquelle generoso principe se portou então como se portara no negocio do gabinete. Mandou entregar em segredo em Smyrna, em nome de Aristides, uma quantia de dinheiro ao pescador e ao seu amigo. Aristides o ignorava totalmente. Um dia viu entrar em seu albergue as tres pessoas: o pescador, sua mulher e

seu amigo. Desfizeram-se em agradecimento, e a fallaram-lhe de beneficios e de reconhecimento.—Amigos, de que fallais? lhes perguntou: eu sim é que sou vosso devedor; e devedor tão infeliz, que me vejo impossibilitado de pagar o muito que vos devo! Disseram-lhe que não sómente lhes tinha pago, mas tambem enriquecido.—Mas que dizeis, amigos? que dinheiro vos dei eu?—O que nos mandaste dar, lhe responderam. Elle passava cada vez mais. Emfim, a força de fazel-os fallar e explicarem-se mutuamente principiou a suspeitar que aquillo era cousa de Cyro. Então lhe tinha imposto um tributo que lhe era pesado; que tres cidadões de Smyrna acabavam de chegar á sua casa para devorar suas provisões, com o pretexto de agradecerem-lhe um serviço que não lhes tinha feito; que se achava sem bom vinho e sem bons manjares que dar-lhes a comer, e que, visto ser elle a causa da viagem, era justo que pagasse os gastos, e que lhe rogava lhe mandasse alguns frascos de vinho para regalar aquella boa gente. Respondeu-lhe que pagava

gostosissimo o tributo que lhe impunha, e que desejava pagar a miúdo outros semelhantes. Oito dias teve elle em casa aquelles honradissimos sujeitos, e osi tratou o melhor que pôde. Cyro quiz tambem vel-os, e lhes pagou magnificamente os gastos da viagem. Aquelle beneficio de Cyro, e a satisfação de seus antigos e amados hospedes, foi um dos successos em que mais parte teve sua sensibilidade. »

Só tres annos gozou Aristides da dita de viver junto áquella *satrapa*, que o chamava pai, e o tratava com veneração e ternura filial. Dario, seu pai, adoeceu. Piratis, mãe de Cyro, que o preferia a seu filho mais velho Artaxerxes, o chamou á corte, esperando em fazel-o nomear por seu pai herdeiro da corôa; mas seu projecto não se realisou. A partida de Cyro causou a Aristides um verdadeiro desabôr. E' difficil achar em um principe, nem ainda em um particular, prendas mais brilhantes e estimaveis que as de Cyro: era generoso sem profusão e com discernimento; benefico por humanidade, e não por ostentação; fogoso,

homem de engenho, activo applicado, de estupenda facilidade para os negocios, de um valor a toda a prova, fiel á sua palavra e ao segredo que lhe confiavam, e todas estas relevantes virtudes logravam maior realce com sua conversação concetiosa, luzida e instructiva. Só faltou para a perfeição deste bellissimo mortal, ter mais moderada a ambição, e a alma menos ardente e apaixonada da gloria. Na sua figura e no seu talhe se via um heroe, e a doçura, jovialidade de sua physionomia temperavam sua gravidade e altivez. A' sua partida, com consentimento de Aristides, confiou o segredo deste, e o recomendou particularmente a Pharnabazo, o qual protegeu o seu socogo, e o tratou com a maior distincção. A sua vida obscura e pacifica, e por dizel-o assim, não tinha movimento; emfim era como convinha aos seus annos, e ia caminhando para a morte com passo insensível, como um rio de corrente vagarosa e suave, que vai perder-se no abysmo dos mares.

(Continuar-se-ha)

fazel-o, foi somente por interesse publico.

Mas, como « a verdade produz o odio e a lisonja faz amigos, » fui odiado por muitos, que por certo preferem a sordida bajulação á verdade nua e crua.

Para esses uma boa gargalhada e uma resposta, como merecem.

Pensava eu nisso, quando recebi o vosso telegramma, annunciando-me o proximo apparecimento da—*Jequitirana-boia*.—a venenosissima—*Boa*! constritor,—que por certo haveria de ser mais venenosa do que a pequena—*Vespa*.

Foi uma boa idéa, e até excellente, pois que os colaboradores do immundo papel sujo (a *Vespinha*) não se poderão por certo eguentar no terreno que escolherão para nos combater.

Alem d'isso, a nossa *Jequitirana-boia*, respondendo ao pé da letra á pequena *Vespa* e entrando por esse facto nos domínios da vida privada, haviendo occupar de muitos acontecimentos domesticos, que seria melhor deixar no olvido.

Por isso, e, graças á intervenção e condições propostas por parte dos nossos amigos, é bom que deixemos socegada a nossa *Jequitirana* e em paz esta boa gente.

Escrepta com todo o cauticismo de que é capaz, usando da linguagem positiva de Rochefort em sua *Lanterna* e do rediculo de Rabelais em sua historia de Pantagruel e Gargantua, a nossa *Jequitirana-boia* não podia invejar a pequena—*Vespa*—porque vinha ainda mais terrível do que um *maribondo* carijó.

Já vê, pois, que, sendo uma resposta excellente aos 4 inspiradores da idea *pasquimista*, era ruim para mais pessoas, que não podiamos deixar socegadas.

Quanto ao Redactor Principal da Gazeta, sei que não tomou parte na redacção do *pasquim*, não só por ter intenção de declarar na Gazeta de domingo (mas não declarou), como também por carta particular de que benevolamente se me deu parte.

Mas, seria bom que esse cavallheiro tomasse uma boa lição, em companhia dos seus 3 amigos; porque, se não escreveo, applaudo o apparecimento da *immundicie*.

Realmente, porque aquella interessante noticia, em que se diz que a *Vespinha* é escripta com chiste?...

Felizmente, ainda ha em Lorena homens sensatos; poucos, é verdade, mas ha: para esses a tal noticia é a condemnação do *pasquim* e do seu apreciador!

Faço ponto; voltando, porém, algum dia, si fôr preciso.

A não ser a intervenção de amigos prudentes, á não serem as minhas occupações de todos os dias, não deixaria este meu posto.

Retirando-me, só tenho de lisonjear-me, pelas maneiras cavalheirescas, com que sempre fui tratado pela sensata, intelligente e illustrada Redacção do *Echo Municipal*.

Seu correspondente e amigo,

Quim Pedro.

A PEDIDO

SIM?

Braulio Muniz Dias da Cruz roga ás pessoas de sua amizade o obsequio de assistirem a uma missa, que por alma de sua prezada mulher, Dona America F. de Carvalho Cruz, manda celebrar na matriz desta Freguezia, ás 8 horas da manhã do dia 20 do corrente, 1º anniversario do passamento da mesma. Desde já agradece a todas as pessoas que se dignarem assistir a este acto de caridade.

Annuuncios

ADVOCADO

O Dr. José Ignacio de Macedo, Promotor Publico da Comarca de Lorena, advogando no civil, tem o seu escriptorio á rua direita em Lorena. 3—3

Grande pechincha!!
Verdadeiras taboas de cedro por preços nunca vistos.

FAZENDA A VENDA

No Municipio da Villa do Cruzeiro, distante duas leguas desta freguezia,—vende-se por commodo preço uma das melhores fazendas de cultura com excellentes terras em matta virgem e capoeirões. Tem duas moradas nas melhores condições e todas as dependencias de um estabelecimento rural.

A sua area deve conter cerca de tresentos talqueires.

Quem pretender, dirija-se a esta typographia que se dirá com quem se tracta.

O vendedor offerece ao comprador todas as vantagens na venda.

E' negocio decidido, e bom emprego de capital.

N'esta typographia se dirá quem vende.

200\$000

ESCRAVOS FUGIDOS

Fugio da freguezia do Carmo, termo da cidade da Christina, provincia de Minas, o escravo Braz, mulato claro, de 17 annos de idade, delgado, espigado, feições miudas, bons dentes, imberbe, olhos pequenos, bocca idem, tem uma pequena cicatriz pouco visivel em uma das sombrancelhas; tem as pernas um pouco abertas para fora, olha por baixo, e é pertencente a Antonio Joaquim de Castro.

Evadiu-se da casa do seu senhor a 10 de Dezembro do anno passado, e sahio vestido com camisa de flanela, paletot preto forrado de baeta, chapéo côr de lebre, aba grande. Na occasião da fuga furtou um macho pinhão, curvado, feio de meia idade trazendo n'uma das coxas as inições J. G.

Quem apprehender o escravo em questão e o entregar a seu senhor na freguezia do Carmo, ou no Municipio do Cruzeiro ao sr. Saturnino Dias Telles de Castro será generosamente gratificado: quem o levar á casa de seu se-

nhôr receberá a quantia ácima e o que o levar á casa do sr. Saturnino Dias receberá metade d'esta quantia.

Convém notar que o escravo de que se tracta é assaz inclinado aos manejos de peão.

Desconfia-se que seguiu para os lados de Sorocaba.

Março de 1879. 3—3

100\$000 de Gratificação.

FUGIO no dia 1º de Janeiro de 1879, o escravo Flauzino, idade 25 annos, côr parda, altura regular, barba de Cavaignac, tem falta de dentes do lado esquerdo, olhos saltados, pés grandes, no andar joga um pouco para fora, pernas grossas, tem por costume andar com um lenço ao pescoço e com o chapéo á banda. Levou calça e collete de cunzeira de côr, paletot de panno azul forrado de baeta escurata e chapéo preto alto de copa redonda. Este escravo andou já fugido por espaço de 2 annos e é conhecido pelo nome de Sabino. Consta que já esteve preso na cadeia de Aréas e que ultimamente andou por Silveiras e Itagacaba onde foi preso. Gratifica-se com a quantia acima a quem o apprehender e o levar a seu senhor, o abaixo assignado, em Campo Bello: protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutar. Campo Bello, 2 de Janeiro de 1879, Diogo dos Santos Pinto.

3—2

ESCRAVO FUGIDO

Fugio no dia 6 de Fevereiro de 1879 a escrava Lidia, estatura regular, fula, corpulenta, 26 annos, falla desembraçada, bons dentes, pés grandes e mal feitos.

Fugio da Cidade de Taubaté, desconfiando-se que tomasse direcção para esta Cidade ou Cachoeira. Gratifica-se com a quantia de Rs. 50\$000 a quem apprehender-a e entregal-a n'esta Cidade ao seu senhor Getulio Braga, ou em Taubaté ao Sr. Orosimbro de Paula Velloso.

Guaratiningueta, 10 de Fevereiro de 1879.

AVIZO

O abaixo assignado tendo de mudar-se desta Freguezia para um outro lugar, roga aos seus amigos e freguezes o favor de virem saldar seus debitos o mais breve possivel. Cachoeira, 13 de Março de 79.

José Perroni.

Typ.do Echo Municipal. Cachoeira.